

O MÉTODO GOETHE DE OBSERVAÇÃO DA NATUREZA

Elpídio de Toledo

Estrutura, conteúdo, interpretações particulares.

Lendo o poema, uma estrutura pode ser reconhecida facilmente em três seções, sem que ocorram transições abruptas. Em cada segmento prevalece uma imagem relevante: "Na primeira parte, é o deslumbrante aglomerado de flores que é representado com poucas características em suas formas variáveis. Na segunda parte, completamente desenvolvida, a flor espera a fertilização e, na terceira, indicadas com delicadas linhas, o par humano que se une em contemplação harmônica. (*2) Todas as três seções do poema estão dispostas sequencialmente e em seu movimento total, conforme a lei da evolução.

"Classificação sem evolução não nos interessa, nós descemos até onde nos é mais atrativo: classificação evoluída, evolução de uma sucessiva classificação, através da possibilidade de uma formação final, onde, então, uma vez mais, muito de muitos se separa, de um muitos se destacam". (de: Goethe, "Evolução" de seus estudos morfológicos).

A primeira seção consiste de cinco dísticos. Os versos 1-4 ligam o discurso do amante da moça com a presença das flores no jardim. Aqui fica perceptível a obnubilação do amante ao mirar uma imensa variedade de flores. Através disso, a ouvinte amada é posta em sintonia com a esfera da natureza que é a professora dos amantes. A simples visão desta riqueza transbordante conduz à obnubilação total; assim é o caos das percepções sensuais, como se ainda fossem aumentadas pelos diferentes nomes das plantas (2º Dístico) que, com "tom rude" um do outro no ouvido distingue. A suposição que se faz é que Goethe alude aqui aos nomes triviais das plantas singulares, enquanto enfatiza como mais significativa a nomenclatura binária introduzida por Linné, que consiste da união de vocábulos gregos e latinos, tal como ele, também, usa em seus próprios tratados em prosa. No terceiro dístico, onde se lê "todas as formas são semelhantes, e nenhuma iguala-se à outra", já é lembrada uma relação

morfológica; e, no quarto dístico, o desejo urgente é pronunciado, dar esclarecimento sobre o segredo da reprodução desse "aglomerado de flores". As palavras "uma lei secreta" e "um sagrado mistério" apontam auspiciosa e significativamente para a parte seguinte.

A parte mediana da elegia (versos 11– 62) contém a formação poética da metamorfose da planta como Goethe a viu. O poeta descreve minuciosamente, diante dos olhos do leitor, o florescer de uma planta de um ano de idade. O processo de desenvolvimento começa com a tumescência e germinação da semente e é conduzido gradualmente até a flolescência da planta adulta. A natureza fecha o „anel das forças eternas", no qual cria a condição prévia para formação de novas sementes, a fim de que este ciclo continue eternamente. O próprio Goethe dá o melhor comentário sobre seu poema em seu tratado-prosa sobre a metamorfose das plantas. Ele concorda largamente com respeito ao conteúdo da parte mediana.

Os primeiros cinco dísticos (versos 11-20) correspondem ao capítulo I „Das sementes". A fase de desenvolvimento da planta aqui apresentada, vai da quietude da semente, passando pela germinação, até o instante em que a muda penetra a superfície da terra e distende-se contra a luz.

"Da semente ela desenvolve-se, assim que a terra silenciosa
Fertiliza o fascinante broto liberando-o para a vida,
E o estímulo da luz, do sagrado, eterno excitar,
Como a construção do mais delicado germinar de folhas recomenda".

Todos os termos técnicos como "cotilédones", "valvas da semente", "elementos nucleares", "lóbulo da semente", "folículos" e, com isto, as tentativas de uma determinação conceitual ou paráfrase, não acham nenhum lugar na elegia. Eles não teriam se harmonizado com a métrica dos dísticos, nem teriam sido úteis, por sua sóbria objetividade, à atmosfera aqui criada.

O observador percebe o silêncio e a segurança de que se acerca o embrião vegetal, dentro da semente protetora sob a terra.

Nesta condição de vida latente, o germe já é portador de plena capacitação, aquela que ele precisa para tornar-se uma planta completamente adulta.

"Simplesmente adormeceu a força na semente, um modelo incipiente,
Deitado, fechado em si mesmo, curvado debaixo da cobertura,
Folha e raiz e embrião formado, apenas, pela metade, e incolor;
Seca, a semente mantém protegida a vida assim conquistada..."

A gênese do poema

1.1 *Distinção temporal no conjunto das obras poéticas*

1.2 *História dos estudos botânicos de Goethe*

1.3 *Visão do poeta*

1.4 *Formas elegíacas, métrica do dístico*

A elegia "A metamorfose das plantas" surgiu entre 17 e 18 de junho de 1798. Foi impressa pela primeira vez no "Almanaque museu" de Schiller, para o ano de 1799. Depois disso, ela apareceu nos "Novos escritos", em 1800, publicados por Unger, no volume sete, entre "Amyntas" e a elegia "Hermann e Dorothea", agrupada a seis outros poemas como "Elegias II". Em 1817, quando Goethe mandou publicar novamente seu tratado em prosa, de 1790, intitulado "Tentativa para esclarecer a metamorfose das plantas" em seus cadernos "Sobre Morfologia", além de explicações autobiográficas, ele inseriu nestes, também, o texto da elegia. Mais tarde, Goethe compilou novamente uma parte de seus poemas para o terceiro volume das "Edições mais recentes", que surgiu em 1827, criadas pelo grupo "Deus e Universo". Estas incluem a maioria dos poemas ideológicos da época, e alguns de seus poemas científicos nos idos de 1800. A elegia às plantas foi, então, foi dissolvida no contexto da "Elegia II" e colocada no grupo "Deus e Universo". "O grupo começa com "Prólogo" (pág. 357) e "Que seria um Deus..." (pág. 357), e, ainda, traz "Restauração" (repetido de "Divã", vol. 2, pág. 83), "Mundo-alma" (pág. 248), "Duração da mudança" (pág. 247), de "Um e Todo" (pág. 368), "Parábase" (pág. 358), "A metamorfose das plantas" (pág. 199), "Epirrhema" (pág. 358), "Metamorfose dos animais" (pág. 201), "Antepirrhema" (pág. 358), "Origem da palavra órfico" (pág. 359), "A trilogia Howard" (pág. 349ff.), "Entretantos" (pág. 359), e alguns poemas menos importantes que não puderam ser acomodados em outro lugar, (De "os poemas ideológicos", E. TRUNZ, edição Hamburger., vol. 1, pág. 669).

Com isso, Goethe desistiu de fazer a defesa de uma ordem melhor. Porém, suas elegias foram resumidas sob ponto de vista puramente formal; então, ele inseriu o a elegia das plantas em um ambiente tematicamente adequado. Desde seus primeiros anos de Weimar, Goethe lidou com a botânica. Ele mesmo conta a história destes esforços em "A história dos meus estudos botânicos" (vol. 13, pág. 148-168). Segundo suas palavras foi um tempo de feliz proveito, trocar o espaço e o ar da cidade pela atmosfera da floresta e dos jardins. Ele fez experiências práticas na administração das florestas da Turíngia; simultaneamente, ele estudava as escritas de Linné: "A filosofia botânica" e o "Sistema das plantas". Naquele tempo, até morrer em 6 de junho de 1816, Christiane Vulpius foi "proficiente companheiro de jardim, que tinha como hobby ajudá-lo na botânica, cuidando das plantas e alegrando-se com a beleza e a riqueza dos jardins." (*1) Com o método de Linné para sistematizar a botânica a pesquisa contemporânea não progrediu muito. O que ficou ainda por fazer era uma ordenação sob o ponto de vista das relações de parentesco. Os esforços de Goethe se dirigiram para achar" aquilo que seria fundamental em todas as plantas, sem distinção", e assim ele descobriu a lei da metamorfose das plantas. Depois de muitos anos de preparo, apareceu em 1790 o tratado-prosa "Tentativa para explicar a metamorfose das plantas"; a elegia apareceu oito anos depois. Os conhecimentos que Goethe quis representar neste maravilhoso poema sobre a natureza, eram conhecimentos sobre a ordenação divina do Universo. Eis porque o poema é saturado de expressões como "quebra-cabeça sagrado", "consagrado altar ", "forças eternas" e "a deusa caráter sagrado". A atitude do ser humano diante desta ordem é marcada pelas palavras deslumbramento", "pasma" e " alegrar-se".

O poema revela uma atitude interior que o poeta tem e que com outros ele quer compartilhar. Aqui Trunz vê a razão pela qual Goethe passou da prosa científica para o poema: ele é o método para amoldar aquela atitude. No poema lírico antigo, a forma de versos em dísticos era característica do tipo elegíaco. Como Goethe escreveu, didaticamente, "A metamorfose das plantas", ele também usou a métrica elegíaca em "Elegias românicas", "Alexis e Dora", "Euphrosyne" e "Amyntas". Com isto, ele incorporou o poema das plantas ao seu grupo clássico

de elegias. Mas, o que distingue fundamentalmente "A metamorfose das plantas" das demais elegias é o tipo do seu objeto. Lá estão, como o próprio Goethe diz, sobre "afetuosas e comoventes poesias", tópicos como amor, separação e morte. Por outro lado, aqui é representado um conhecimento sobre a natureza, intelectual e terminológico, com claros contornos resultantes da pesquisa. O próprio Goethe caracterizou o poema expressamente como "elegia", em 1817, no primeiro "Caderno de Ciência". Ele sabe, entretanto, que esta elegia difere, em postura e entonação, sendo mais moderadas que as ardentes e apaixonadas, como em "Euphrosyne", ou em "Amyntas". Porque neste poema não se formou, como nessas outras elegias, imediato rompimento emocional. Ao invés disso, neste poema metamorfose, deve-se atribuir apenas à métrica do dístico uma função marcante. O retorno contínuo da métrica na sílaba descendente é como que estivesse insistindo sempre na mesma razão-órgão do poema, tal como se passa com a folha na planta, cujo processo de crescimento é uniforme e inteiro em suas várias fases. Como a métrica corresponde, com suas mudanças de hexâmetro e pentâmetro, ao princípio temático da diástole e da sístole na gênese das plantas e, por isto, objetiva a representar a mensagem, assim, também, os dísticos trazem à visão a unidade de modo de representação e intenção de representação: polaridade e evolução, ambos princípios fundamentais da natureza, na parte final da elegia estendem-se aos animais e aos seres humanos.

Assim, dentro do ser humano chameja, também, o amor, sob a lei natural da metamorphose. Aqui, a evolução da família, da amizade, do amor, também, corresponde a um desenvolvimento natural, o qual se faz de maneira lenta e gradual.

Método-Goethe de observação da Natureza

Os estudos científicos de Goethe sobre a Natureza somente podem ser explicados pelo enfoque integral do poeta. Por causa da sua versatilidade, tratou não só da morfologia das plantas e animais, mas, escreveu também tratados sobre Geologia, Climatologia e sobre a teoria das cores. Além disso, planejou

trabalhos adicionais como, por exemplo, sobre o espaço cósmico, a formação da Terra, a eletricidade e sobre a distinção entre homens e animais.

A idéia que sensibilizou o poeta foi a de um grande poema natural, no qual ele quis tratar todas as áreas da Natureza e interpretar suas correlações. Goethe, e com ele, Novalis, Schelling e outros, pensaram que uma união das partes individuais da Natureza era possível em um nível superior. Seus poemas-metamorfose constituem de partes de um grande todo. Goethe, como é tão freqüente em seus trabalhos, não começou do princípio, mas com parágrafos e temas, principalmente os que, diante dos seus olhos, eram bem distintos e atraentes. Sendo ambas, a metamorfose das plantas e a metamorfose dos animais, transformáveis em poemas, Goethe empenhou-se intensivamente nestes problemas, *3, e os conhecimentos essenciais saltaram-lhe aos olhos, clara e inequivocamente.

Neste grande trabalho de poesia didática, ele não quis integrar a variedade de aspectos, como é típico dos relatórios vulgares da análise científica; ele quis, apenas, combinar o geral e o significativo da Natureza inteira, e descrever tudo que se interligasse além das disciplinas individuais. Porém, o projeto foi abandonado, por volta de 1800, uma vez que era impraticável reunir todas as variedades da natureza num todo. O problema insuperável era, então, a universalidade da Natureza, e, por isso, o empreendimento falhou. Escoltando os parágrafos que iam ficando prontos desse vasto poema da Natureza, Goethe diz em seus "Escritos sobre Morfologia":

"Pode ser que o que eu sonhava na coragem da adolescência, de vez em vez, como uma obra, agora é projeto; sim, planejar coleção fragmentária, e como tal, trabalhá-la e utilizá-la". (De: "O empreendimento se desculpa", Hamburger Ausg. Pág.54, linhas 16 a 19.)

Goethe se vê como mediador entre objeto e sujeito, entre a natureza e o ser humano. Sua exigência é, por onde quer que vá: "Reconheça-se!" O ser humano poderia se reconhecer, porém, Goethe diz que quando ele conhece o mundo (= a Natureza), atenta somente para ele e para si mesmo. No "Fragmento" sobre a Natureza "Tieferter Journal", 1783) (*4), Goethe descreve a relação do ser humano com a Natureza e aponta o lugar dele nela:

"Natureza! Nós somos rodeados por ela e entrelaçados com ela - somos incapazes de pisar fora dela e, incapazes de penetrá-la. Não convidada e desprevenida, ela nos aceita no decorrer dos seus dias e passeia conosco até que nós estejamos cansados e caímos em seus braços. Nós vivemos no meio dela e somos estrangeiros para ela. Ela fala continuamente conosco e não nos confia seus segredos. Nós a manipulamos constantemente e não temos nenhuma força, porém, sobre ela. Os seres humanos estão todos nela, e ela em tudo. Ela trava uma disputa amigável com todos, e alegra-se cada vez mais, se ganhamos dela. Ela disputa com muitos assim, secretamente, até que o jogo termine, sem anúncio prévio.

O ser humano é, então, um componente mais integrado à Natureza, sólida e irrevogavelmente conectado com ela, e dependente dela. E quando ele começa a entender a Natureza para sondar os seus segredos e usar suas leis, ele se superpõe a ela e a controla. Quanto mais profundamente a pessoa penetra na Natureza, maior se torna a reverência e a surpresa."

Com a sua elegia, "A metamorfose das plantas", Goethe criou um método impressionante para fazer isso. Sobre a ciência natural, Goethe diz que ela deveria olhar, a fim de apoderar-se do seu próprio método para caracterizar os fenômenos naturais.

O olho é o sentido predominante - ele próprio nasceu para ver com certeza e olhar com reservas *5. A olho nu um objeto tem que mudar ao ser visto ou refletido por alguma parte da sua aparência. Assim, Goethe lia o escondido de dentro, a partir do que era visível exteriormente. Ele exige de um biólogo: "Assim, deve o genuíno botânico nem a beleza nem a utilidade de uma planta macular; ele deve investigar a sua formação, a relação dela com as demais plantas do ambiente; e, como tudo que é visto e refletido pelo Sol, então, ele deve olhar para elas, calmamente, e examiná-las com o mesmo olhar e tomar como padrão para esse conhecimento, não os dados que traz consigo, e sim, do núcleo da realidade observada".*6¹,

O Poema:

Johann Wolfgang de Goethe (1798)

A metamorfose das plantas

¹ Notas de 1 a 6, fonte: www.udoklinger.de

Obnubila-te, amada, a mistura
de milhares de formas dessa multidão de flores sobre o jardim;
Escuta muitos nomes, e sempre distingue
no ouvido o tom rude de um e de outro.
Todas as formas são semelhantes, e nenhuma iguala-se à outra;
e, então, o coro sinaliza para uma lei secreta,
para um sagrado mistério. Oh, pudesse eu, doce amiga,
já desvendar-te feliz a palavra desligada!
Observo-a nascente, pouco a pouco, tal como a planta
se comporta, gradualmente, para formar flores e frutos.
Da semente ela desenvolve-se, assim que a terra
silenciosa fertiliza o fascinante broto liberando-o para a vida,
E o estímulo da luz, do sagrado, eterno excitar,
Como a construção do mais delicado germinar de folhas recomenda.
Simplesmente adormeceu a força na semente, um modelo incipiente,
Deitado, fechado em si mesmo, curvado sob a cobertura,
Folha e raiz e embrião formado, apenas, pela metade, e incolor;
seca, a semente mantém protegida a vida assim conquistada,
flui com esforço para cima, umedece-se suave e confiante,
e ergue-se tão logo da noite se acerca.
Mas, permanece a forma simples da primeira aparição;
E, assim, caracteriza-se também sob as plantas a criatura.
Logo após, um rebento seguinte, erguendo-se, renova,
Nós em nós empilhados, sempre a primeira estrutura.
Nem sempre se dá o mesmo; pois gera-se o diverso
Formada, tu vê, sempre a folha seguinte,
Mais longa, mais esculpida, mais destacada no topo e nas partes,
elas crescem juntas e suspensas sob o órgão.
E, então, alcança antes a definitiva perfeição,
que em muitos gêneros te deixa pasma.
Muito enervada e dentada, cheia de gavinhas na superfície,
a abundância de brotos parece livre e infinita.
Porém aqui, a natureza mantém a formação, com mãos poderosas
e a dirige suavemente mais perfeita.
Então, mais moderada, ela conduz a seiva, estreita os vasos,
e logo mostra a forma de delicados efeitos.
Em silêncio estende o rebento suas pontas para trás,
e os filamentos do talo completam seu desenvolvimento.
Ainda sem folha e depressa sobe o delicado talo,
e uma estrutura maravilhosa o reveste.
Então, surge em torno dele, dentada e disforme,
a pequena folha junto à semelhante.
Pressionado sobre o eixo, surge o cálice
e deste formam-se as mais coloridas formas de corolas.
Assim, a natureza se manifesta plena de brilho,
e ela mostra, arruma em série, ordena membro a membro.
Sempre tu pasmas de surpresa, assim que a flor

se move no talo sobre delgadas vigas de folhas variáveis.
Mas a glória faz da nova criatura realidade;
sim, a folha colorida sente a mão divina,
e depressa move-se junto; as delicadas formas,
aos pares, elas se esforçam para bem se unir antes.
Íntimas, elas estão de pé agora, os pares adoráveis, juntas,
numerosas, elas se organizam ao redor do altar consagrado.
Hímen paira aqui, e odores esplêndidos, poderosos,
fluem doces aromas, excitam tudo ao redor.
Agora, incontáveis sementes isoladas e inchadas,
graciosamente envoltas pelo colo materno de inchados frutos.
E aqui, a natureza fecha o anel das forças eternas;
Porém, um mais novo logo toca o anterior,
a fim de que a cadeia a todo tempo se prolongue
e todos se revigorem, tal como é o indivíduo.
Mude agora, oh amada, o olhar para a multidão colorida,
O desconcertante não se move mais diante do espírito.
Cada planta lhe anuncia agora as leis eternas,
Cada flor, ela fala de alto e bom som contigo.
Mas, tu decifras aqui sagrados caracteres da deusa,
por toda parte, então, tu vês, também, que eles modificam de curso:
A lagarta rasteja vacilante, a borboleta alegre se alvoroça,
maleável, o próprio ser humano altera a forma certa.
Oh, então, lembra-te, também, como a semente do conhecimento
pouco a pouco brotou em nós hábito adorável,
Amizade com poder de nosso íntimo revelou,
e como Amor finalmente floresce e frutos geraram.
Pense como, variando logo esta e aquelas formas,
desenvolvendo-as em silêncio, a natureza aos nossos sentimentos se presta!
Alegra-te, também, por este dia! O amor sagrado
eleva-se para os frutos mais altos com as mesmas atitudes fundamentais,
a mesma noção da realidade, de forma que o casal se una
e encontre a concepção harmônica do mundo.
(Tradução Elpídio de Toledo)